

# Guarani é a última ocupação da Liberdade

Um oásis dentro do mais populoso bairro de Salvador. Assim é conhecido o Bairro Guarani, que, apesar de ocupar uma pequena área, circundado pela Liberdade, São Domingos, São Lourenço, Largo do Tanque e Baixa do Fiscal, tem vida e características próprias. Surgiu na década de 50, quando a pequena fazenda de posse de "Dudu Ferreira" foi loteada pela construtora Delta. Do outro lado da Rua Lima e Silva, que corta o bairro, uma fileira de casas ocupam uma área desmembrada da antiga União Fabril.

CHICO ARAÚJO

Na verdade, segundo os moradores, a grafia do bairro é "Guarany". No "Aurélio", é uma família indígena, de língua tupi e que habitava o Sul do país. As informações divergem, mas a idéia do loteamento era exaltar essa tribo. A Liberdade é um dos mais antigos bairros de Salvador e fez parte da história da Independência da Bahia. O Guarani, que surgiu na década de 50, foi um dos últimos espaços da área a ser ocupado, sendo que na década de 60 a maioria das casas já estava construída. Privilegiados, os moradores têm uma vista belíssima da Baía de Todos os Santos.

A arquitetura é diferente da região onde o bairro está plantado. São casas espaçosas, muitas no estilo sobrado, e o acesso é pelo Largo Guarani — uma praça pequena que um grupo de moradores sonha em transformar em espaço cultural.

O melhor ponto de referência é mesmo a Paróquia Menino Jesus de Praga. O Centro Espírita Irmã Zorzi é também outro local bastante conhecido dos moradores, que preferem indicar o bar "Recanto dos Amigos", como uma marca do bairro.

O bairro tem apenas uma escola pública — a Escola Abrigo dos Filhos do Povo, cujo funcionamento data do início do século XX. O comércio é tímido, sendo que os moradores dependem praticamente em tudo da vizinha Liberdade, apesar de contarem com uma agência do Banco do Brasil. O aposentado Paulo Gomes Correia nasceu e cresceu na Liberdade e viu o bairro Guarani crescer. Lembra que o local era conhecido por ter um curral onde os moradores iam comprar leite.

## Bondes

O bairro, disse Paulo, era o ponto final da linha de bondes

e no "outro lado da rua" — atravessando da praça à Rua Lima e Silva —, as casas foram cons-

truídas em terrenos desmembrados da antiga e rica União Fabril, que tinha sua sede situada na Baixa do Fiscal. "Isso tudo era uma gleba de terra de propriedade de Dudu Ferreira, que desmembrou e vendeu os lotes, através da construtora Delta", contou. O contador Reinaldo Silva Rocha, outro que conheceu de perto o surgimento do bairro, concorda e acentua que muitos moradores até hoje não conseguiram a posse definitiva do terreno.

É um bairro pequeno, mas rico culturalmente. Aliás, toda a Liberdade é conhecida como "bairro musical". Do Guarani, saíram compositores e músicos famosos, como o guitarrista da Chiclete com Banana, Jhonny, e os cantores Lilipita e Dandara, da Banda Relógio, além de Cezar de Alabama, capoeirista que já participou de filmes de Van Damme. O compositor Osvaldo Menezes, autor de sucessos como "Caramba" (Misininho), "Pé de Moleque" (Chiclete com Banana), "Merengue deboche" (Sarajane), entre outros, permanece morando no bairro e tem como objetivo tornar realidade o projeto "Praça Zumbi dos Palmares", já aprovado pela prefeitura, mas que ainda não foi posto em prática.

## Onde Irmã Dulce ensinou

Escola Abrigo dos Filhos do Povo. O nome pode soar estranho, mas é assim que consta na parede frontal dessa antiga escola beneficente, que hoje funciona em decorrência de um convênio com a Prefeitura de Salvador. Fica no limite entre a Liberdade e o Bairro Guarani e tem na sua história o orgulho de ter contado com Irmã Dulce como professora durante 11 anos.

Foi construída em 1918 e teve como provedor Augusto Lopes Pontes, pai da irmã Dulce, que lecionou no local, tomando conta de um grupo de crianças. O aposentado Antonio Afonso dos Santos, 79 anos, que já foi zelador da escola e continua morando dentro da área da instituição, lembra que a freira tinha prazer em reunir as crianças e saiu de lá direto para iniciar sua obra de caridade. Ele é sogro duas vezes da família Schindler, já que Renato — o atual presidente da Escola Abrigo dos Filhos do Povo — (hoje com 96 anos) e seu filho casaram com duas filhas de Afonso.

## Entulho

O local é bastante arejado e o prédio mantém as características de construção do início do século XX. Cercado de acácias, já teve entre seus alunos o antigo radialista França Teixeira, hoje conselheiro do Tribunal de Contas dos Municípios. Afonso

Santos conta que a escola deverá ser ampliada, pois dispõe em sua área de terreno para isso.

O Bairro Guarani apresenta algumas deficiências de limpeza pública. Os moradores reclamam que a coleta de lixo não tem sido satisfatória, principalmente devido aos entulhos jogados em alguns locais, como uma área chamada Rua do Estiva, onde fica localizada a Fonte do Estica.

A fonte nunca secou, segundo a moradora Maria Bispo, mas a limpeza no local tem sido insatisfatória, também devido a um mau costume de alguns moradores da parte alta, que jogam entulho no local. A Fonte do Estica tem água de boa qualidade, segundo os moradores, e sempre que falta água no bairro, o local é tomado por enche de veículos e moradores de outros locais que vão até o reservatório encher baldes e vasilhames. "Era só um minador, mas a prefeitura pavimentou e colocou torneira que acabou sendo retirada", contou Maria Bispo.

Os moradores, em geral, se queixam da pouca atenção à limpeza do bairro, onde várias ruas apresentam montes de lixo. Na Rua Luís Guimarães, uma pequena área está transformada em depósito de entulho. A vizinhança começou a jogar objetos velhos, outros foram imitando e agora a maioria teme que o local vire um ponto de lixo.

## A velha falta de segurança

A maior reclamação dos moradores hoje é a falta de um posto policial, já que o antigo, existente no Largo Guarani, foi fechado pela Polícia Militar e posteriormente demolido pela Prefeitura. A queixa vem, justamente, do fato de o bairro ser conhecido como área segura. Inclusive, conta Paulo Correia, trabalhava no posto o cabo Fonseca, conhecido, pois patrulhava as ruas de madrugada, como um "guarda noturno".

O produtor artístico Ricardo Santos Vasconcelos também está queixoso da falta de asseio da praça e não gosta de ver o bairro ser chamado de "área nobre da Liberdade", preferindo que seja conhecido como

parte dela. O economista Paulo Teixeira lembra também que a prefeitura retirou uma linha de ônibus própria que havia no bairro, remanejando para o Largo da

Central, mas que, por uma questão de segurança, os motoristas continuam levando os carros para o Guarani, onde estacionam, "fazendo tempo".



A comunidade ficou desassistida com desativação do módulo policial